

---

# Promotora, Advogada, parceiros e sociedade civil formam rede de apoio para amparar as mulheres vítimas de violência

*Com o aumento dos casos de agressão em tempos de pandemia, o Projeto Justiceiras, idealizado pela promotora de Justiça de São Paulo Gabriela Manssur em parceria com a advogada Anne Willians, e em conjunto com mais de mil voluntárias de todo Brasil, surge para apoiar e acolher mulheres que buscam sair da violência e a reconstrução de suas vidas*



A promotora de Justiça de São Paulo Gabriela Manssur e a advogada Anne Willians são figuras que têm articulado novas redes na luta contra a violência de gênero. Elas estão à frente do projeto Justiceiras: uma parceria entre os Institutos **Bem Querido Mulher**, presidido pelo empresário João Santos, **Instituto Nelson Willians**, presidido por Anne Willians e **Instituto Justiça de Saia**, presidido por Gabriela Manssur. Uma iniciativa que já conta com mais de mil voluntárias na área do Direito,

---

---

Psicologia e Assistência Social, Médica e uma rede de apoio com o objetivo de acolher mulheres vítimas de violência doméstica no período da quarentena. De acordo com Gabriela, a proposta tem a missão de eliminar a dificuldade de deslocamento para buscar ajuda e visa contribuir com as informações necessárias para que a mulher possa denunciar o agressor e lutar pelos seus direitos de defesa e proteção sem sair de casa.

O projeto Justiceiras foi idealizado em meio à preocupação com o aumento dos casos de violência doméstica durante o isolamento social. Para se ter uma ideia, somente em março foram decretadas 2.500 medidas protetivas em caráter de urgência, enquanto, no mês anterior, em fevereiro, foram 1.934. Houve também o aumento no número de prisões em flagrante devido a casos de violência doméstica em aproximadamente 50%. Em fevereiro, foram registradas 177, e, em março, subiram para 268.

Este cenário levou a promotora a buscar parceiros e a reunir uma rede de voluntárias para prestar apoio às vítimas. Profissionais das áreas jurídica, psicológica, saúde e assistência social se engajaram na iniciativa e se colocaram à disposição para prestar orientações nos âmbitos jurídicos, psicológicos, médicos, assistência social, e, ainda, oferecer uma rede de acolhimento para apoiar mulheres em situação de violência nessa difícil fase de buscar ajuda e fazer uma denúncia.

“Neste momento tão delicado, marcado por incertezas, o nosso objetivo é mostrar que, mesmo isoladas e distantes, precisamos estar unidas, cuidando umas das outras e, principalmente, muito bem informadas”, destaca Manssur.

Diante de uma agressão, o que fazer? Quem procurar? Para quais locais a vítima deve se dirigir? É possível pedir ajuda sem sair de casa? Estas e outras perguntas são respondidas pelas justiceiras. “Elas estão a postos para informar e, principalmente, apoiar e empoderar essas mulheres que chegam em situação de violência doméstica. Aquelas que, muitas vezes, antes da denúncia, precisam ser fortalecidas e encorajadas.

O nosso atendimento é on-line, basta entrar em contato via WhatsApp, pelo telefone (11) 99639-1212. Ao enviar uma mensagem, as mulheres recebem um link para preencher um formulário. A partir desse contato, nós fazemos os encaminhamentos para as voluntárias, que vão acompanhar caso a caso. Há lideranças de todas as áreas que estão à disposição para sanar possíveis dúvidas das voluntárias, além de lideranças locais para encaminhar as mulheres para os serviços de determinados municípios, se necessário”, explica Anne Wilians.

O projeto já recebeu mais de 600 chamadas no WhatsApp, e mais de 200 vítimas

---

---

encaminhamentos para orientação. Com surgimento de várias parcerias como o aplicativo [Lady Driver](#), [Grupo Graiche](#), [Esporte Clube Corinthians](#) o projeto **tem atingido todo Brasil**. Mulheres (e alguns homens) de todo Brasil tem feitos pedidos para participar e multiplicar o projeto nos seus Estados e Municípios. Estamos transformando esses pedidos em lideranças locais para dar o apoio na localidade em que a vítima reside, encaminhando, se necessário para a rede de proteção local. Uma das lideranças mais forte surgiu da parceria firmada com a Procuradoria Especial da Mulher do Distrito Federal.

### **Balaço inicial**

Ao longo de duas semanas em desenvolvimento, o projeto Justiceiras está evidenciando a sua eficácia e abrangência. Segundo o balanço inicial, recebeu uma média de 600 chamadas. Foram realizados 230 atendimentos, e, destes, 57% das mulheres já tinham solicitado ajuda anteriormente, e 43% a buscaram pela primeira vez. O canal atende em âmbito nacional, e, até o momento, boa parte das solicitações é representada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais.

Os principais tipos de violência são relatados nos formulários, e a psicológica lidera a lista. Para se ter uma ideia, das mulheres atendidas, 94% fazem menções a esse ato. Em seguida, 52% das respondentes afirmam sofrer ameaças, 43% enfrentam a violência física, enquanto 22% relataram a agressão sexual e 34%, a patrimonial. O que chama a atenção é o fato de boa parte dos relacionamentos já terem sido rompidos, no entanto, as mulheres (51% das atendidas) continuam morando com os agressores (ex-marido, ex-namorado, ex-companheiro), e aquelas que ainda mantêm a relação (17%) expressam o desejo do rompimento, e de se desvincular imediatamente de seus parceiros. Há, ainda, o restante desta parcela, 32%, representada por aquelas que já estão em outros relacionamentos, porém, não conseguem manter o companheiro anterior distante, aumentando o medo de sofrer algo ainda pior.

Inúmeras são as causas que geram as agressões no ambiente doméstico, e, no período da pandemia, a situação se agrava, pois as mulheres estão mais expostas à agressão, uma vez que estão convivendo 24 horas ao lado seus acompanhantes. O próprio momento já induz à ansiedade, tensão, nervosismo e apreensão. Dependendo da situação dos casais, as turbulências podem ser mais severas. Além da preocupação em não poder sair de suas casas, alguns estão perdendo seus empregos, outros reestruturando suas rotinas e muitos reorganizando sua estrutura econômica. Motivos que podem levar ao descontrole emocional, refletindo em atos violentos a quem está ao seu redor.

“Este período revelou, em muitas pessoas, uma necessidade de ajudar as outras. Neste clima de generosidade, as justiceiras embarcaram nesta iniciativa, acreditando que há, sim, vida após a violência doméstica. E queremos mostrar, orientar,

---

---

engajar e lutar ao lado das vítimas, ajudando-as a virarem as páginas de suas vidas e recomeçarem as suas histórias. Considerando o número de pedidos de ajuda, de voluntárias, a necessidade e a falta de um serviço com esse, tenho certeza que esse projeto ultrapassará a quarentena e veio para ficar. É um projeto construído pela e para a sociedade civil, finaliza Manssur”.

---